



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE LEISHMANIOSE VISCERAL E ESPOROTRICOSE EM CÃES E GATOS NO MUNICÍPIO DE MUZAMBINHO-MG

Marina P. FADINI¹; Joziana M. P. BARÇANTE²; Diana C. ABRÃO³

RESUMO

A Leishmaniose Visceral (LV) e a esporotricose são doenças zoonóticas, negligenciadas, cosmopolitas e consideradas endêmicas no estado de Minas Gerais, acometendo principalmente cães e gatos. Este estudo avaliou os aspectos epidemiológicos da LV e da esporotricose em cães e gatos atendidos pelo Hospital Veterinário do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. Foram coletados dados de 102 cães testados para LV, dos quais apenas um foi confirmado positivo por histopatologia, enquanto dois apresentaram resultados de triagem positivos, mas negativos na Reação em Cadeia de Polimerase (PCR). Não houve registros de esporotricose em gatos. Esses achados indicam uma possível subnotificação de esporotricose na região e reforçam a importância da vigilância ativa para ambas as zoonoses, com a finalidade de aprimorar o controle e a prevenção.

Palavras-chave: *Leishmania infantum*; *Sporothrix*; zoonose.

1. INTRODUÇÃO

A Leishmaniose Visceral (LV) é uma doença infecciosa, não contagiosa, negligenciada e de caráter zoonótico, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, especialmente o *L. infantum*, compreendido no complexo *Leishmania donovani*. No continente Americano, a LV é transmitida a diversos hospedeiros mamíferos por meio da picada de fêmeas de flebotomíneos do gênero *Lutzomyia*, sendo o cão o principal reservatório doméstico do protozoário (Paula, 2021; Megid; Ribeiro; Paes, 2016).

Em Minas Gerais a LV é endêmica, tendo sido notificados 7.788 novos casos humanos no estado, com taxa de letalidade média de 9,7% no período entre 2010 e 2015 (Conti *et al.*, 2016). Apesar de os casos notificados em humanos terem ocorrido principalmente na região metropolitana de Belo Horizonte, Governador Valadares e Montes Claros, recentemente, diversos relatos de LV canina têm sido confirmados e notificados em cidades do Sul/Sudoeste de Minas, como Poços de Caldas (Garcia, 2019) e Varginha (De Souza *et al.*, 2021).

Para o diagnóstico da LV, pode-se realizar uma triagem por técnicas sorológicas, como o teste rápido imunocromatográfico e *ELISA*, que detectam anticorpos anti-*Leishmania* em amostras de sangue. No entanto, esses testes podem ter resultados falso-positivos devido a reações cruzadas com outros agentes. Por esse motivo, o diagnóstico é confirmado por meio do exame parasitológico, Reação em Cadeia de Polimerase (PCR) ou exame histopatológico (Brasileish, 2018).

A esporotricose é uma micose subcutânea, caracterizada por lesões na pele e subcutâneo,

¹Bolsista FAPEMIG, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: marinapfadini@gmail.com.

²Docente, IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho. E-mail: diana.abrao@muz.ifsulde Minas.edu.br.

³Docente, UFLA. E-mail: joziana@ufla.br.

causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*. Embora negligenciada, é uma zoonose importante, com os felinos domésticos desempenhando um importante papel na transmissão, por meio de mordidas, arranhões e contato com o exsudato de animais infectados (Megid; Ribeiro; Paes, 2016; Lecca, 2019).

Nos últimos anos, houve um aumento significativo de casos clínicos confirmados de esporotricose em gatos e em humanos no Brasil, o que leva ao interesse em estudos sobre essa doença (Barros *et al.*, 2004). A partir de 2016, tornou-se uma doença de interesse municipal em Belo Horizonte, devido a um surto ocorrido na região do Barreiro, com diversos casos registrados de animais suspeitos e notificações de casos em humanos (Lecca, 2019).

O diagnóstico da esporotricose é feito por meio do exame clínico, histórico, dados epidemiológicos e laboratoriais. As técnicas laboratoriais mais utilizadas são a cultura fúngica, considerada padrão de referência, a citologia (por *imprinting* das lesões ulceradas ou aspiração do conteúdo de lesões e nódulos) e a histopatologia (Megid; Ribeiro; Paes, 2016; Lecca, 2019).

Portanto, o objetivo deste trabalho é avaliar os aspectos epidemiológicos da LV e da esporotricose em cães e gatos atendidos pelo Hospital Veterinário do IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada a coleta de dados a partir dos prontuários médicos de cães e gatos com diagnósticos suspeitos de LV e/ou esporotricose, obtendo dados de espécie, raça, idade, município de origem, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento, disponibilizados pelo HOVET entre 2023 e 2024.

Durante o período de outubro de 2023 a setembro de 2024, foram feitos testes *Dual Path Platform* (DPP®) para LV em todos os cães atendidos no HOVET que não foram vacinados contra leishmaniose, independentemente de serem considerados suspeitos ou apresentarem sinais clínicos. Os cães soropositivos ao DPP® foram submetidos ao diagnóstico confirmatório por meio de Reação em Cadeia da Polimerase em Tempo Real (qPCR) a partir de amostras de aspirado de medula óssea ou de sangue total quando não era possível a punção de medula.

No caso dos gatos, apenas aqueles que apresentaram lesões ulceradas de pele foram incluídos no estudo. Assim, as amostras obtidas a partir dessas lesões foram submetidas à cultura micológica para diagnóstico micromorfológico.

Baseado nisso, foi conduzido um estudo observacional longitudinal a partir dos dados obtidos, os quais foram dispostos em tabelas, com auxílio do programa Microsoft Excel (2016 for Windows®), e avaliados por meio de análise descritiva dos resultados encontrados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Anteriormente ao início da pesquisa, foi atendido apenas um cão positivo para LV, diagnosticado em outra clínica veterinária em julho de 2022. Este cão, oriundo de Belo Horizonte/MG, região endêmica para a doença (Lopes *et al*, 2010), utilizava coleira repelente à base de deltametrina e fazia uso contínuo de miltefosina. Não foram encontrados registros de felinos diagnosticados com esporotricose no período analisado.

Durante o período deste estudo, 102 cães foram testados para LV, dos quais 50 eram machos (49%) e 52 fêmeas (51%). A análise dos dados revela que a maioria dos cães atendidos pelo HOVET são sem raça definida (SRD), totalizando 55 de 102 animais (53,9%). Entre as raças específicas, as mais frequentes foram Pinscher (6,9%; n = 7), Shih-Tzu (5,9%; n = 6), Border Collie (3,9%, n = 4), Yorkshire Terrier (2,9%; n = 3) e Schnauzer (2%; n = 2).

Quanto à origem, a maior parte dos cães eram oriundos de Muzambinho/MG (64,7%; n = 66), mas também foram atendidos animais de Guaxupé/MG (15,7%; n = 16), Monte Belo/MG (7,8%; n = 8), Guaranésia/MG (3,9%; n = 4), Juruaia/MG (2%; n = 2), São José do Rio Pardo/SP (2%; n = 2), Passos/MG (1%; n = 1), Tapiratiba/SP (1%; n = 1), Nova Resende/MG (1%; n = 1) e Ponta Grossa/PR (1%; n = 1).

Dentre os 102 cães testados para LV, apenas 2 (2%) foram positivos no teste de triagem DPP®. O primeiro animal foi uma fêmea, Schnauzer, de 9 anos, oriunda de Ponta Grossa/PR, que residia em Muzambinho/MG desde janeiro de 2024. Ela foi atendida com a queixa de poliúria, polidipsia, crostas escuras em região dorsal sacral e histórico de giardíase. Foi recomendado o uso de coleira repelente à base de deltametrina, contudo, o teste confirmatório não foi realizado devido ao óbito do animal. O segundo caso positivo foi um macho, Maltês, de 10 anos, residente em Muzambinho/MG, que havia permanecido por, aproximadamente, 6 meses em Belo Horizonte/MG, uma região endêmica para a LV (Lopes *et al*, 2010). O animal compareceu ao HOVET para um *check-up* anual sem apresentar sinais clínicos. O tutor optou por realizar o teste confirmatório em um laboratório particular, onde foi colhida a amostra de aspirado de medula óssea e submetida à qPCR, cujo resultado foi negativo.

Além destes, um outro cão macho, sem raça definida, oriundo de Juruaia/MG, foi atendido com queixa de linfadenomegalia em linfonodos poplíteos. O tutor relatou que, em consulta progressa, o animal apresentava um nódulo em transição mucocutânea do lado direito da boca e foi realizada a biópsia. No resultado do exame, foram encontradas formas amastigotas de *Leishmania* spp., confirmando o diagnóstico etiológico. A presença de nódulos decorrentes da leishmaniose canina é um sinal clínico incomum e pode estar relacionada ao sítio de implantação do parasito (De Freitas *et al*, 2020). Diante disso, foi realizado o teste de triagem DPP® e o qPCR de sangue total, ambos com resultados negativos. Trata-se de um falso-negativo, uma vez que a histopatologia é

utilizada como teste confirmatório (Santos, 2011; Brasileish, 2018).

Durante toda a pesquisa, nenhum gato foi atendido apresentando sinais clínicos em que a esporotricose entrasse como um diagnóstico diferencial.

5. CONCLUSÃO

Embora a LV seja endêmica em Minas Gerais, com registros consistentes em humanos e cães, durante o estudo foi confirmado apenas um caso positivo por meio de exame histopatológico, além de dois casos com resultados positivos no teste de triagem, mas negativos nos exames confirmatórios. Em relação à esporotricose, a ausência de casos diagnosticados em gatos no período analisado pode indicar uma baixa prevalência ou possível subnotificação na região estudada.

Dado o aumento de casos de LV e esporotricose em outras áreas de Minas Gerais, especialmente próximas a Muzambinho, é importante manter protocolos rigorosos de diagnóstico e monitoramento para ambas as doenças, bem como a necessidade de estudos contínuos para aprimorar a compreensão epidemiológica e a eficácia das intervenções em saúde pública.

REFERÊNCIAS

- BRASILEISH (Brasil). **Diretrizes para o Diagnóstico, Estadiamento, Tratamento e Prevenção da Leishmaniose Canina**. [S.L.]: Grupo de Estudos em Leishmaniose Animal, 2018. 16 p.
- DE FREITAS, R. C. *et al.* Alterações cutâneas secundárias à infecção por *Leishmania* sp.: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 19328-19346, 2020.
- DE SOUZA, B. C. *et al.* **Alterações clínicas e anatomopatológicas encontradas em um cão positivo para Leishmaniose Visceral Canina no Município de Varginha, Minas Gerais**. *Spei Domus*, v. 17, n. 2, p. 1-10, 2021.
- GARCIA, Rosimere Pereira. **Avaliação epidemiológica de leishmaniose visceral canina no planalto de Poços de Caldas MG - SP**. 2019. 85f. Dissertação (Mestrado em Vigilância e Controle de Vetores) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- LECCA, L. O. **Diagnóstico epidemiológico da esporotricose em Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015 a 2018**. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- LOPES, E. G. P. *et al.* **Distribuição temporal e espacial da leishmaniose visceral em humanos e cães em Belo Horizonte-MG, 1993 a 2007**. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v. 62, p. 1062-1071, 2010.
- MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C.. **Doenças Infecciosas em Animais de Produção e de Companhia**. Rio de Janeiro: Roca, 2016. 1296 p.
- PAULA, G. P. R. **Leishmaniose visceral canina no Brasil: informação ao alcance da população**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- SANTOS, I. B. **Comparação entre a citopatologia, histopatologia, imunocitoquímica e imuno-histoquímica em diferentes amostras biológicas no diagnóstico da leishmaniose visceral canina**. Tese de Doutorado. Fiocruz, 2011.